

DISCURSO DE CARMEN LUCIA TINDÓ RIBEIRO SECCO AO SER OUTORGADA PROFESSORA EMÉRITA DA UFRJ

Magnífico Reitor, Prof. Dr. Roberto Medronho,
Ilustríssima Sra. Vice-Reitora, Prof^ª Dr^ª Cássia Turci,
Ilustríssimo Sr. Decano do Centro de Letras e Artes, Prof. Dr. Afrânio Gonçalves Barbosa,
Ilustríssima Sra. Diretora da Faculdade de Letras, Prof^ª Dr^ª Sônia Cristina Reis,
Ilustríssima Representante da Chefe de Dep. de Letras Vernáculas, Prof^ª Dr^ª Beatriz Cristino,
Ilustríssima Prof^ª Dr^ª Maria Theresa Abelha Alves,
Ilustríssima Prof^ª Dr^ª Teresa Cristina Cerdeira da Silva,
Ilustríssimo Prof. Dr. Jorge Fernandes da Silveira,
Ilustríssimos docentes que compõem a Guarda de Honra.
Saudações às demais autoridades presentes, aos convidados, amigos, familiares e estudantes.

Início meu discurso, com duas citações do escritor moçambicano Mia Couto: uma do romance *O Outro Pé da Sereia*, que diz assim: “A saudade é uma tatuagem na alma: só nos livramos dela perdendo um pedaço de nós.” E a outra, do romance *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra*, cuja mensagem por mim destacada é a seguinte: “O bom do caminho é haver volta. /Para a ida, sem vinda,/ basta o tempo”.

Ao receber o título de Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro, agradeço muito aos docentes do Departamento de Letras Vernáculas, aos professores da Faculdade de Letras e aos membros representativos do Conselho Universitário que, por unanimidade, me concederam esta honraria capaz de me permitir voltar, podendo, dessa maneira, continuar a atuar na Pós-Graduação, sem a saudade que, muitas vezes, como adverte Mia Couto, nos faz perder um pouco de nós. Expresso, assim, meus agradecimentos, por permanecer nesta casa tão querida, onde ensinei por quase 30 anos – faltou pouco: trabalhei 29 anos, 9 meses e 9 dias—, aprendendo, imensamente, com colegas, funcionários e, principalmente, com alunos, muitos dos quais, hoje, professores, compõem a nossa Guarda de Honra.

O título recebido é motivo, ainda, de gratidão a pessoas importantes do passado. Traz memórias, sonhos e afetos antigos, gerando uma escrita de lembranças que me leva a “re-ver” não somente meu percurso acadêmico-profissional, mas existencial. O traçado de minhas memórias começa com a descoberta da literatura, quando meu pai me presenteou com coleções de Machado de Assis e Humberto de Campos que ele apreciava tanto. Meus avós, pais, madrinha e tias sempre valorizaram os estudos e me apoiaram. Contudo, minha decisão em cursar Letras se deve, principalmente, aos Professores Atalá Marques Porto e Santos, Dirce Côrtes Riedel e Carlos Henrique da Rocha Lima, cujas aulas, no curso ginásial, me despertaram para um uso

mais apurado da língua e para uma leitura sensível de autores brasileiros e estrangeiros. Também o Prof. Renato Cordeiro Gomes – na ocasião, monitor da Profa. Dirce Riedelno Instituto de Educação/RJ– e minhas colegas de turma e amigas queridas, Ana Maria Zanelli, Cirlei Moreira de Hollanda, Luci Ruas– as duas últimas aqui presentes –, foram responsáveis por minha opção pelo universo literário.

Prestei concursos para Letras da UFRJ e da UEG, hoje UERJ. Aprovada, optei pela última, em virtude de o horário ser à noite, sendo, desse modo, compatível com meu trabalho. Nesse tempo, eu já lecionava. Dava aulas na Escola Marechal Canrobert Pereira da Costa e qual não foi minha surpresa ao ver aqui, hoje, alunas que alfabetizei em 1970: Ana Lúcia, Celinha, Dione e Maria de Fátima!

Fiz o curso universitário na UEG, trabalhando, num período muito difícil da história brasileira. Os anos eram de chumbo e censura. As aulas de literatura foram, então, espaços de reflexão, liberdade e imaginação criadora, em meio a um contexto social de silêncio e medo. Minha geração é conhecida como a dos “anos rebeldes”; orgulho-me de ter participado da “passeata dos cem mil”. Dessa época, cultivo amigos queridos, entre os quais Telma Zanellie Colleta, aqui presentes. Apesar das muitas greves, nesses tempos, tive aulas que nunca esquecerei, como as dos Professores Ivo Barbieri e Dirce Riedel, ambos admiradores de diversos docentes da UFRJ, entre os quais: Cleonice Berardinelli, Samira Mesquita, Marlene de Castro Correia e outros.

Terminei a Licenciatura em Português-Literaturas, na UEG, em 1970 e, em 1974, ingressei no Mestrado de Literatura Brasileira da PUC/RJ, curso que me enriqueceu sobremaneira. Nessa época, conheci Edna Maria dos Santos, a quem devo muito do que sei e sou hoje. Em minha dissertação de Mestrado sobre João do Rio, orientada pelo Prof. Affonso Romano de Sant’Anna e inteiramente datilografada por minha querida mãe, evidencio que, no Rio do início do século, a par da criação da Confeitaria Colombo e da abertura da Avenida Central que imitavam os cafês e as alamedas parisienses, havia um outro lado obscuro da cidade no qual existiam, discriminadas, religiões africanas e uma população negra e mestiça marginalizada. Principiou aí um maior interesse meu pelo Movimento Negro e pelas questões africanas.

Após o Mestrado, fiz concurso para docente do Colégio Pedro II, onde muito aprendi com alunos e colegas, entre os quais: Theresa Abelha, Raimundo Barbadinho Neto, Carmen Bastos, Roberto Acízelo, José Luís Jobim, Regina Camacho e outros.

Anteriormente, de 1984 a 1987, trabalhei na equipe do Professor Darcy Ribeiro e da Profa. Lia Faria, na implantação dos centros integrados de educação pública, elaborando material acerca da produção da leitura e da escrita, realizando treinamentos pedagógicos em escolas de horário integral. Desse período, lembro colegas: Ângela Beatriz Faria, Edna Santos, Roberto Leher,

Zulene Reis, Denise Morani, Sérgio Nazar, entre outros. Tive a oportunidade de ver ouvir, de perto, Paulo Freire; de viajar, em 1986, a Cuba para participar de atividades educacionais fundamentais à construção de um projeto de ensino que visava à libertação e a um crescimento amplo e humano dos alunos.

Só em 1987, ingressei no Doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Minha tese, orientada por Affonso Romano de Sant'Anna, versou sobre as representações da velhice na Literatura Brasileira. Em 1993, prestei concurso para Professor Adjunto de Literaturas Africanas da Faculdade de Letras da UFRJ. Dessa data em diante, passei a lecionar as Literaturas Africanas, realizando o antigo sonho de ensinar literatura em uma universidade pública. Os afetos e razões que me levaram para o âmbito das letras africanas foram diversos. O tema da velhice, estudado no Doutorado, foi um dos que me atraiu, tendo em vista a significação dos velhos na África, onde os idosos eram, no passado, considerados guardiães do saber e da narratividade oral. Sobre o assunto foi muito importante o livro *Entre voz e letra*, de Laura Padilha, grande estudiosa da área que, mais tarde, supervisionou meu Pós-Doutorado e se encontra presente no meu coração.

Até janeiro de 2003, não existia, oficialmente instituída, a obrigatoriedade das Literaturas Africanas, mas havia, já na década de 1970, livros, como os dos Professores Domício Proença Filho, Maria Helena Silveira, Dirce Côrtes Riedel, que incluíam alguns autores dessas letras. A discussão crítica dos preconceitos contra o negro sempre foi uma preocupação minha, tendo promovido, nas escolas onde lecionei, debates com integrantes do Movimento Negro, com os cantores Martinho da Vila, Leci Brandão e outros.

Ao tomar posse na UFRJ, em 1993, tive, na prática, que implantar o Setor de Literaturas Africanas, pois, para os cursos de Graduação da Fac. Letras, haviam sido criadas apenas quatro disciplinas optativas, cujas ementas eram gerais e precisavam ser detalhadas. Começou, então, uma luta para criar duas disciplinas obrigatórias na Graduação e todas as ementas da Graduação e da Pós. As dificuldades foram muitas. Foi preciso construir o Setor de Literaturas Africanas, elaborar projetos, planejar e ministrar aulas, além de enfrentar certos preconceitos. Entretanto, tiveo apoio do Setor de Literatura Portuguesa, uma vez que deste havia partido a ideia de criar o Setor de Africanas na UFRJ. Jorge Fernandes da Silveira foi “o fundador das Literaturas Africanas”, pois, no início dos anos 1970, antes das independências dos países africanos de língua oficial portuguesa, era quem ensinava essas letras em suas aulas de Literatura Portuguesa. Foi dele, primeiro professor de Africanas na Fac. Letras, membro, também, do júri que outorgou ao poeta José Craveirinha o Prêmio Camões em 1991, a redação do pedido de vaga parao meu concurso que levou à fundação do Setor de Literaturas Africanas na UFRJ. Foi, portanto, fundamental nessa luta a participação de Jorge Fernandes, ao lado de Maria Theresa Abelha e

Valdete Pinheiro Santos, professoras do Departamento de Letras Vernáculas. Além desses nomes, também me apoiaram outros professores: Cleonice Berardinelli, Gilda Santos, Terezinha da Costa Val, Margarida Ferreira, Ângela Beatriz Faria, Teresa Cerdeira, Luci Ruas, Clécio Quesado, MariluciGuberman e outros.

Lembro, ainda, o apoio que, desde 1999, me foi dado pela Cátedra Jorge de Sena, sob sucessivas regências– de Gilda Santos, Teresa Cristina e Luci Ruas –, em cujas gestões fui vice-regente e aprendi muito. Atualmente, sob regência de Mônica Fagundes, a Cátedra continua seu importante papel e apoia os estudantes com publicações, atividades e seu rico acervo bibliográfico.

Sou grata ao colega João Baptista Vargens, Professor Titular de Árabe, meu ex-vizinho, com quem, quantas vezes, tive o prazer de participar de saraus e encontros em nossa rua Araxá, no bairro Grajaú. Tais encontros reuniram, por vezes, escritores africanos (entre os quais: Manuel Rui, Mia Couto, Luandino Vieira e outros), ora no quintal do João, ora na sala do meu ap., orano jardim da casa de Martinho da Vila, *Doutor Honoris Causa* da UFRJ a partir de 2017 e padrinho do Setor de Africanas desde 1994, que, naqueles tempos, residia na nossa mesma rua. As reuniões varavam madrugada, com poesia e prosa de qualidade, ao ritmo das músicas da Velha-Guarda da Portela e dos sambas do Martinho.

Lembro aqui alguns trabalhos relevantes:

a) em 2013, fui convidada pela grande Profa. angolana Amélia Míngas – que está sendo hoje homenageada na União dos escritores Angolanos e na Academia Angolana de Letras –, para lecionar como Profa. Visitante no Mestrado da Universidade Agostinho Neto, em Luanda;

b) entre 1996 e 1999, organizei as *Antologias do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa*, editadas, nesses anos, com verbas do Programa da Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, na ocasião coordenado por Maria Emília Barcelos e Teresa Cristina Cerdeira, a quem agradeço os apoios recebidos. Um maior reconhecimento dessas antologias ocorreu, em 11 de novembro de 2000, data dos 25 anos da independência de Angola, quando a editora angolana Kilombelombe, do antropólogo Virgílio Coelho, publicou o volume dedicado à poesia angolana, numa edição ampliada.

Fazendo um balanço de minha trajetória acadêmica, considero o saldo positivo e sou grata aos escritores e poetas africanos. Como não posso nomear todos, vou eleger alguns nomes de cada país estudado para representarem os demais. Assim,

a) Pepetela, outorgado em 2022 *Doutor Honoris Causa* UFRJ, representa Angola, junto com Luandino Vieira, Manuel Rui, António Jacinto, Viriato da Cruz, Boaventura Cardoso, Paula Tavares, Amélia Da Lomba, João Melo, João Tala, José Luís Mendonça, João Maimona, Fernando Kafukeno;

- b) José Craveirinha, Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, Mia Couto, Fernando Couto, Ba Ka Khosa, Virgílio de Lemos, Calane da Silva, Luís Carlos Patraquim, Eduardo White, João Paulo Borges Coelho, Sónia Sultuane, Mbate Pedro, Sangare Okapi representam Moçambique;
- c) Arménio Vieira, Germano Almeida, Mário Lúcio, Corsino Fortes, José Luiz Tavares, Dina Salústio, Vera Duarte, José Luiz Hopffer Almada, Filinto Elísio, Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Ovídio Martins, Cabo Verde;
- d) Alda Espírito Santo, Conceição Lima, Francisco José Tenreiro, Olinda Beja, Tomaz Medeiros, Goretti de Pina, São Tomé e Príncipe;
- e) Odete Semedo, Abdulai Sila, Tony Tcheka, José Carlos Schwarz, Hélder Proença, Vasco Cabral, Guiné-Bissau.

Também sou muito reconhecida a amigos e diversos especialistas das Literaturas Africanas: Laura Cavalcante Padilha; Michel Laban; Aparecida Santilli; Benjamin Abdala Jr.; José Maria Nunes Pereira; Jorge Macedo; Costa Andrade; Ana Paula Tavares; São Barata, Mena Gioveth, Lourenço do Rosário; Luís Kandjimbo; Virgílio Coelho; Fátima Mendonça; Rita Chaves; José Luís Cabaço; Tania Macêdo; Cláudia Márcia; Júlio Machado; Abreu Paxe; José Octavio Van Dúnem; José Miguel Lopes; Francisco Soares; Francisco Topa; Selma Pantoja; Beatriz Bísio; Nazareth Fonseca; Jane Tutikian; Francisco Noa; António Sopa; Teresa Manjate; Nélson Saúte; José dos Remédios; Salvato Trigo; Pires Laranjeira; Inocência Mata; Ana Mafalda Leite; Margarida Calafate Ribeiro; Margarida Paredes; Sheila Khan; Dóris Wieser; Nataniel Ngomane; Elena Brugioni; Jéssica Falconi; Marta Banasiak; Fernanda Gallo; Vera Maquêa; Marinei Almeida; Agnaldo Rodrigues; Simone Caputo; Simone Schmidt; Tânia Lima; Sávio Freitas; Nazir Can; Sílvio Renato Jorge; Alexandre Montauray; Mário Lugarinho; Gustavo Rückert; Deise Mesquita; Vanessa Riambau; Edvaldo Bérغامo; Norma Lima; Viviane Vasconcelos; Marcelo Brandão e muitos outros que também prezo e admiro, embora não possa citar aqui, pois a lista já está imensa.

Quero, ainda, expressar gratidão ao Cônsul de Cabo Verde no Rio de Janeiro, Dr. Pedro dos Santos, e ao Cônsul de Angola no Rio de Janeiro, Dr. Matheus de Sá Miranda, pelos apoios constantes. Meu reconhecimento, também, aos primeiros orientandos, muitos, hoje, professores, entre os quais: Beatriz Lanziero, Renata Flavia, Vanessa Ribeiro, Robson Dutra (*in memoriam*), Fernanda Antunes, Aza Njeri, Guilherme Gonçalves, Érica Bispo, Marlon Augusto Barbosa, Cláudia Medeiros, Cíntia Almeida, Fabiana Peixoto, Ana Lídia, Flaviana, Letícia Lemos, Camila Toledo Piza, João Víctor Sanches Machado, Leonardo Lima, Guilherme Rezende, Miriane Peregrino, entre outros, assim como aos orientandos atuais: Laís, Júlia, Danúbia,

Gabriel, MarianaThemóteo, José Antonio, Jaqueline, Melissa, Cristiano Mavangu, que me instigam a me manter trabalhando.

Os afetos, sonhos e memórias sempre impulsionaram minha luta pela consolidação das Literaturas Africanas não só na UFRJ, mas em outras universidades brasileiras e no exterior. Eu poderia ter-me aposentado em 1998, pois trouxera o tempo de trabalho de outras instituições de ensino. No entanto, não o fiz, porque minha vontade de ver crescer o Setor de Africanas na UFRJ, as publicações e a pesquisa na área foi o meu grande desejo e continuará a ser, uma vez que, como Emérita e Pesquisadora do CNPq e da FAPERJ, poderei retornar, oferecendo cursos na Pós, orientando, editando a Revista *Mulemba*, idealizada pela querida Profa. Maria Geralda de Miranda; produzindo eventos, livros, artigos, de modo a permanecer contribuindo com esse campo de saber ao qual dediquei grande parte de minha vida.

Registro aqui representantes de minha família, minhas sobrinhas Mayara e Luísa, minhas primas Annieth e Moema, a quem muito agradeço. Meu obrigada ao Pai Paulo por sua força. Minha enorme gratidão a Sônia Reis, por todo o empenho e delicadeza. Sou grata também a Afrânio Barbosa, a Maria Eugênia Lamoglia, Sílvia Brandão, Eleonora Ziller, Martha Alkimin, Maluh, Mônica Genelhu, Sofia de Sousa Silva. A Carla Domingues e equipe, agradeço pelos sabores e flores. Sou reconhecida, ainda, a Gabriela Lessa, Artur Amaro, Lúcia Trappa, pelo convívio e amizade! A todos, o meu sincero obrigada!

Encerro com o poema ofertado pelo querido amigo, o poeta moçambicano Luís Carlos Patraquim, quando soube de minha aposentadoria:

Amiga Carmen Lucia, o trabalho continua!
Folgo em saber que se livrou daquelas burocracias do dia a dia
JUBILADA!
e os projectos
os afectos
discretos
sábios
inquietos

no caminho "sem meio"
inteiro
linha
intersecções
mãos
de afagar

as vozes indo e vindo
sentidas
consentidas

seu eco de cor
e a namorada palavra
suas derivações
entre amar e mar

o tempo mundo

no rosto
e o pasmo da casa
sua artesanaria
seu hábito
de Ser
e Habitar.

(PATRAQUIM, Luís Carlos, 2022, inédito)

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 2023.

Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco

Professora Titular Letras Emérita/ UFRJ